

## SABERES, FAZERES, MEMÓRIAS E CIÊNCIA NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

### KNOWLEDGE, DOING, MEMORIES AND SCIENCE IN DIALOGUE WITH EDUCATIONAL SPACES IN FIELD EDUCATION: AN EXPERIENCE REPORT

PAULO CESAR DA SILVA PASSAMAI  
PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA  
[paulo.p1511@gmail.com](mailto:paulo.p1511@gmail.com)

EDUARDO AUGUSTO MOSCON OLIVEIRA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
[eduardomoscon@hotmail.com](mailto:eduardomoscon@hotmail.com)

**Resumo:** Analisa o processo formativo envolvendo escola e comunidade, a partir de uma visita à Associação de Mulheres Rurais das Comunidades de Cachoeirinha e Sabão na região rural de Cariacica-ES. Essa prática foi desenvolvida com base nos pressupostos defendidos por Gohn (2010, 2011) concernentes à relevância da Educação Não Formal nos processos educativos, bem como a perspectiva dialógica defendida por Freire (1987). Trata-se de uma pesquisa qualitativa baseada em Bogdan e Biklen (1994) e Brandão (2006), do tipo participativa, envolvendo diferentes sujeitos. Como resultado, registra-se a importância dos vários processos dialógicos desenvolvidos no território do campo e conversas com as mulheres responsáveis pela associação. Tal perspectiva destaca a relevância desses espaços no aprendizado na relação formal e não formal em práticas educativas na Educação do Campo.

**Palavras-chave:** Educação do campo. Espaços não formais. Educação não formal. Práticas educativas.

**Abstract** *It analyzes the training process involving school and community, from a visit to the Association of Rural Women of the Communities of Cachoeirinha and Sabão in the rural region of Cariacica-ES. This practice was developed based on the assumptions defended by Gohn (2010, 2011) concerning the relevance of Non-Formal Education in educational processes, as well as the dialogic perspective defended by Freire (1987). This is a qualitative research based on Bogdan and Biklen (1994) and Brandão (2006), of the participatory type, involving different subjects. As a result, the importance of the several dialogic processes developed in the countryside and conversations with the women responsible for the association are recorded. This perspective highlights the relevance of these spaces in learning in the formal and non-formal relationship in educational practices in Rural Education.*

**Keywords:** *Countryside education. Non-formal spaces. Non-formal education. Educational practices.*

## 1 INTRODUÇÃO

Conforme Kolling (2002), no documento “Educação do Campo: identidade e políticas públicas”, compreende-se que os povos do campo possuem características próprias, que se apresentam nas formas de viver e trabalhar, na sua raiz cultural específica, no relacionamento estabelecido com o tempo, com o espaço, com o meio ambiente e na sua forma de se organizar no ambiente da família,

da comunidade, do trabalho e da educação.

Esses sujeitos fazem parte de diversos grupos com características comuns entre si, cujas identidades se inter-relacionam e são caracterizados, de forma geral, como populações do campo. Esses povos fazem parte das chamadas comunidades tradicionais. Diegues (2001) define essas comunidades como possuidoras de uma organização econômica e social própria, sendo formada por produtores independentes envolvidos em atividades econômicas como agricultura e pesca, coleta e artesanato. Os saberes e fazeres populares dessas comunidades são transmitidos por gerações, por meio da oralidade de sua cultura, de seus hábitos, técnicas, modos de viver e conviver em comunidade.

Santos (2007) defende a necessidade de valorizar as experiências e saberes populares, por meio da chamada ecologia de saberes, possibilitando um diálogo do saber científico com o saber popular e superando o conhecimento hegemônico dominante. Nessa concepção, entende-se como conhecimento hegemônico o processo de desenvolvimento industrial, ocorrido a partir do século XVIII e XIX, consolidando-se no século XX, o que gera uma predominância do saber técnico-científico tradicional, cuja base é a dominação do homem sobre o meio natural, o que traz como consequência impactos socioambientais de ordem planetária. Para Chassot (2003), tal prerrogativa verifica-se, sobretudo, ao rememorarmos como eram repassados os conhecimentos relativos às ciências pelo saber escolar tradicional que ainda hoje se restringe, muitas vezes, ao conhecimento livresco e conteudista, como nos lembra Chassot (2003, p. 90), “[...] o quanto a transmissão (massiva) de conteúdos era o que importava”. Dessa forma, um dos índices que media a eficiência de um professor era a quantidade de páginas entregues aos estudantes, considerados como receptores do conhecimento repassado. Essa perspectiva corrobora com a concepção da educação bancária criticada pelo grande educador brasileiro Paulo Freire.

Diante do exposto, este trabalho tem por objetivo analisar uma visita realizada à Associação de Mulheres Rurais e à Fábrica do Grupo 7 M das Comunidades de Cachoeirinha e Sabão, localizada na região rural do município de Cariacica-ES. A atividade foi desenvolvida no ano de 2017, durante a realização de processo formativo envolvendo escola e comunidade da Escola do Campo e Estação de

Ciência Margarete Cruz Pereira na região de Roda D'água desse município.

## **2 DIÁLOGOS ENTRE O FORMAL E NÃO FORMAL E OS ESPAÇOS EDUCATIVOS NO TERRITÓRIO RURAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Compreende-se que a educação formal é aquela que ocorre no espaço escolar, baseada em regras e padrões estabelecidos. Já a educação não formal é considerada mais difusa e, para alguns autores, manifesta-se fora dos muros da escola, onde há uma intencionalidade. E, diferentemente da educação formal, não possui padrões rígidos estabelecidos e está presente nas relações humanas voltadas à construção da cidadania. Por último, tem-se a chamada educação informal que é repassada no cotidiano sem uma intencionalidade e, muitas vezes, está ligada aos grupos familiares, aos vizinhos e amigos. Essa divisão conceitual, relativa às formas e às diferentes concepções de educação, ainda hoje é palco de inúmeros debates teóricos com pesquisadores que se debruçam em estabelecer a diferença entre essas manifestações de educação. Dentre os principais teóricos da educação não formal no período do final do século XX e início do século XXI, podemos destacar Maria da Glória Gohn, Jacobuci, Marandino, Carlos Alberto Thorres, Jaume Trilla, Janela, Coombs e Ahmed. Marandino (2003, p. 7), ao citar Trilla (1993), demonstra e define a educação formal, a não formal e a informal, dando ênfase ao caráter dual entre a educação formal e não formal, destacando que a educação não formal difere-se das formas “canônicas e convencionais da escola”, identificando a educação não formal como não convencional e como uma educação aberta.

Jacobucci (2008) enfatiza que a divisão conceitual entre educação formal, não formal e informal ainda não possui uma definição precisa, assim como a conceituação sobre espaços não formais de educação. Para a autora, tal dualidade entre a educação formal e não formal pode parecer simples, mas, ao contrário, é extremamente complexa, uma vez que esse debate ainda se encontra em aberto no cenário acadêmico e nas produções relacionadas à produção do conhecimento científico em geral. Nesse sentido, Marandino (2003) evidencia que tanto na literatura nacional como na internacional há uma complexidade para uma definição precisa que distingue os tipos de educação formal, não formal e informal, constatando que ainda é preciso muitos debates teóricos para apontar esses

caminhos. Desse modo, questionamos a necessidade de ampliar o debate dos diferentes processos de apropriação cultural e escolar, formal e não formal, presentes no meio social.

No sentido de pontuar, mas não aprofundar, esse debate, considerando sua complexidade, é preciso enfatizar a contribuição do Grupo de Estudo e Pesquisa em Alfabetização Científica e Espaços de Educação Não Formal (GEPAC) no âmbito do Programa de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática (Educimat) do Ifes, onde são desenvolvidos diversos trabalhos que visam debater e desenvolver pesquisas teórico-práticas a partir de uma visão multidisciplinar, tendo como foco a complementaridade entre Educação Formal e Não Formal, Aula de Campo, Educação em Museus, Educação Patrimonial e Circuito Educativo. Essas pesquisas buscam evidenciar a multiplicidade de temáticas, envolvendo diferentes perspectivas dos espaços educativos e tendo como base central, no olhar de seus pesquisadores, a formação para a cidadania e a “importância do ser humano aprender a viver em grupo, em sociedade, compartilhando valores, direitos e responsabilidade”, conforme pontuam Amado e Oliveira (2019, p. 52).

Cabe ressaltar que, em relação à definição de educação não formal, esta pesquisa tem como aporte teórico o estabelecido por Maria da Glória Gohn (2010,2011), no que tange ao conceito de educação não formal. Segundo a autora, a educação não formal é organizada, sobretudo, em processos coletivos, e é definida como:

[...] um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais (GOHN, 2010. p. 33).

Assim, diante do exposto, pode-se indagar em que contexto a Educação do Campo e as escolas do campo se inserem nesse conceito de Educação não formal, e de que forma a relação entre o formal e o não formal se manifesta nos diferentes espaços educativos na Educação do Campo e no contexto desta pesquisa.

Gohn (2011) destaca que um dos pressupostos essenciais da educação não formal é a aprendizagem

por meio da prática social, tendo a experiência das pessoas em trabalhos coletivos como forma central na geração de aprendizagem, compreendendo as ações de interação entre os indivíduos como fundamentais para a aquisição de novos saberes. E essa é uma característica fundamental abordada neste trabalho.

Além disso, Gohn (2010) destaca que a educação não formal tem como premissa seu caráter coletivo, produto das vivências dos sujeitos e de sua práxis concreta, marcada profundamente pela subjetividade. Tal perspectiva educacional deve envolver todos os agentes sociais desse processo, abrangendo não só os pais, os representantes de alunos, os professores e funcionários mas também toda a comunidade, os moradores do bairro e da região, os espaços ligados às cooperativas e às associações comunitárias e produtivas como um todo.

Assim, a Educação do campo insere-se nesse contexto, pois ela é resultado das múltiplas interações entre os diversos atores, fruto das relações de vivências, experiências e saberes de homens e mulheres que, por meio da tradição, transmitem seus conhecimentos para a comunidade. Compreendemos que essas relações se manifestam no território vivido, reconhecido como o lugar onde se apresentam todas as ações objetivas e subjetivas que produzem as relações humanas e se realiza a história da existência dos sujeitos, tomando como cerne a noção de território defendida por Santos (1999).

### **3 METODOLOGIA**

O trabalho analisa o processo formativo realizado no ano de 2017, ocorrido na Escola do Campo e Estação de Ciências Margarete Cruz Pereira (ECEC), localizada no interior do município de Cariacica, envolvendo escola e comunidade, por meio da análise dos diálogos dos sujeitos participantes. Nesse sentido, tal perspectiva foi desenvolvida a partir dos pressupostos defendidos por Gohn (2010, 2011) concernentes à relevância da Educação Não Formal nos processos educativos, bem como a perspectiva dialógica defendida por Freire (1987). É, portanto, uma pesquisa qualitativa e participante baseada em Bogdan e Biklen (1994) e Brandão (2006), possibilitando a imersão do pesquisador no contexto da pesquisa. Os resultados foram obtidos a partir da análise dos diálogos realizados com os diferentes sujeitos envolvidos durante a visita.

Participaram desse momento 25 cursistas. Entre eles, alunos, professores, diretora, coordenadora, pais de alunos, representante dos produtores rurais, mestre de congo da região de Roda D'água, representante da Secretaria de Agricultura, além de um aluno mestrando do programa Educimat, que colaborou no trabalho de campo e nas discussões, e de uma aluna mestranda do mesmo programa, que acompanhou os demais encontros. Cabe ressaltar que, na ocasião, esteve presente também um grupo de sete alunos que fazem parte do projeto “Circuito Gastronômico Cultural”, desenvolvido pelo professor de Língua Portuguesa e pela professora de Ensino Religioso da ECEC.

#### **4 ESPAÇOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

O último encontro do processo formativo aconteceu no dia 05 de agosto de 2017 e foi realizado em dois momentos, manhã e tarde, às 8h e às 16h. No período da manhã, foi planejada uma visita ao território rural da região do entorno da ECEC “Margarete Cruz Pereira”. À tarde, foi realizado um debate e construção coletiva no ambiente escolar com vistas à colaboração na proposta pedagógica da Escola do Campo.

A proposta do referido momento seguiu os preceitos defendidos por Gohn (2011), considerando os processos educativos construídos no âmbito da educação não formal, ao reconhecer a importância das relações de troca entre os saberes formais da escola e os não formais, representados pelas vivências e conhecimentos dos sujeitos em diálogo com os espaços do campo e sua diversidade cultural, a partir de seus saberes, fazeres e memórias. Tal perspectiva parte do princípio de que as ações de interação entre as pessoas são fundamentais para a aquisição de novos saberes, ocorrendo, sobretudo, na relação do diálogo com o outro por meio da comunicação verbal. Nesse sentido, acreditamos que esse preceito corrobora com a proposta realizada, visto que a Educação do Campo se realiza nas relações de troca de saberes, nas memórias e vivências dos sujeitos e das tradições culturais manifestadas no território do campo.

#### **5 A ASSOCIAÇÃO DE MULHERES RURAIS DAS COMUNIDADES DE CACHOEIRINHA E SABÃO**

A Associação de Mulheres Rurais das Comunidades Cachoeirinha e Sabão é formada pelas mulheres moradoras da região rural de Cariacica- ES. O local destaca-se pela venda dos produtos produzidos na

Fábrica do Grupo de 7M, sobressaindo a produção de banana passa, chips de banana, bombom de banana, farinha de banana e outros derivados dessa fruta. Além disso, também produzem diversos produtos de fabricação caseira, característicos da área rural das comunidades da região e adjacências, tais como pães, bolos, biscoitos e outros produtos. O espaço também representa um importante local de organização comunitária da região, congregando diversas atividades que envolvem a comunidade local e fortalecendo o protagonismo das mulheres no território rural de Cariacica.

Cabe ressaltar que, em seu relato, a representante da Associação evidenciou a necessidade de formar uma Associação composta somente por mulheres da região, dizendo que “[...] a gente sentiu algo de juntar as mulheres, formar, estar trazendo algo pro lugar, juntar as mulheres, aumentar sua renda”. A fala da representante da Associação caracteriza a relevância dos processos organizativos existentes no território do campo que contribuem para as lutas coletivas, evidenciando a singularidade do espaço da Associação de Mulheres no processo de empoderamento da mulher do campo, possibilitando, assim, enfatizar o protagonismo das mulheres rurais na luta pela visibilidade, produzindo políticas públicas voltadas para a redução das desigualdades de gênero no meio rural (MARTINS, 2016).

A representante da Associação frisou a importância do trabalho que vem sendo realizado pela Associação na preservação da memória local campesina da região. Relatou que o espaço onde funciona a Associação era, no passado, um antigo ponto de parada dos tropeiros na região. Desse modo, destaca-se a iniciativa da comunidade e a importância da preservação da memória, história e cultura campesina de Cachoeirinha e Sabão na região rural do município de Cariacica.

Por fim, observamos que o trabalho da Associação não se restringe às atividades laborais das mulheres, mas destaca também importância da preservação e da manifestação da cultura campesina, representada nas festas da Associação visando à valorização e preservação da memória das atividades realizadas pela comunidade, por meio da produção de murais de fotografias que contam a história das festas promovidas pela Associação em outros anos.

## **6 A FÁBRICA DO GRUPO 7M DAS COMUNIDADES DE CACHOEIRINHA E SABÃO**

Após finalizar a visita à Associação, os participantes se dirigiram para a fábrica do Grupo 7M, onde é realizado o trabalho de beneficiamento da banana. O Grupo 7M, uma pequena agroindústria familiar, surgiu na mesma época em que foi criada a Associação de Mulheres Rurais de Cachoeirinha e Sabão. Possui esse nome em função de ter sido fundado pelas mulheres da região, desenvolvendo o trabalho de beneficiamento da banana e seus derivados. Vale ressaltar que esse momento da visita se mostrou significativo para este estudo, tendo em vista o diálogo entre os saberes formais e não formais, representado pelo trabalho realizado pelas mulheres na agroindústria nos processos organizativos da comunidade rural. É relevante enfatizar também o quanto o processo de produção desenvolvido na região é vital para compreender o conhecimento da ciência envolvida na fabricação e no beneficiamento dos produtos derivados da banana. Tal perspectiva apresenta uma concepção de ciência relacionada à leitura da natureza que corrobora com o que defende Chassot (2003, 2014), considerando as diferentes formas e processos de conhecimentos científicos envolvidos nas técnicas de produção e relatados durante a visita.

Durante a realização da visita, a mediadora apresentou os produtos produzidos pelo Grupo 7M, com destaque para a produção de banana passa, bombom de banana, banana chips e a farinha de banana verde, bem como as fases e etapas da produção. Explicou ainda o processo de escolha, separação, descasca e secagem da banana, em que chama atenção a técnica empregada na desidratação da banana passa e a não utilização de aditivos químicos e conservantes.

Observamos, por meio dos diálogos ocorridos no processo de interação dos sujeitos elementos que sinalizam conhecimentos científicos caracterizados pelos saberes e fazeres desenvolvidos pelas mulheres em sua prática. Dessa forma, notamos a importância dos conhecimentos científicos presentes nas relações do cotidiano, o que permite aos sujeitos participantes da pesquisa fazerem uma leitura a partir da relação entre os saberes relacionados à ciência em diálogo com o conhecimento popular. Assim, apresentaremos alguns trechos que nos ajudam a reconhecer essa relação presente nos processos interativos entre os sujeitos participantes durante a atividade desenvolvida.

Conforme podemos identificar no trecho abaixo, é possível observar o processo de secagem para a produção de banana passa, feita pela representante da Associação do Grupo 7M (R.A), interagindo com a coordenadora da escola (C.E) e a representante da Secretaria de Agricultura (R.S.A).

- É uma estufa? C.E
- É. Aí ela vai desidratando e vai secando sozinha sem nem um procedimento, vocês usam assim para acelerar, né? C.E
- Sem química? Não passa nada por cima? R.A
- Não, a gente coloca ela molhada e ela pinga, né. [...] mas o que a banana tem fica nela entendeu? P.A
- Todos os nutrientes [...]. R.S.A
- Há uma concentração de nutrientes. P.A
- Fica mais rica? Concentra a água? R.S.A –  
Não é que ela fica mais rica, você elimina só a água, o resto fica concentrada aí. Por isso, que ela não fica mole [...].

Pontuamos aqui a importância do aprendizado coletivo, representado pelas diversas perguntas sobre o processo de produção, e as técnicas empregadas na fabricação e conservação da banana passa. Compreendemos que esse movimento é salutar para o aprendizado da ciência com base nos processos desenvolvidos em espaços não formais, como podemos destacar a partir dos diálogos travados durante a apresentação nos dois grupos que participaram da visita à fábrica.

Cabe aqui fazermos uma reflexão sobre a educação não formal em diferentes espaços e como ela contribui para a aprendizagem interdisciplinar dos conhecimentos relativos às ciências de modo geral, possibilitando assim o diálogo e a troca de saberes entre os diferentes sujeitos. Nesse sentido, corroboramos com Gohn (2011, p. 12), segundo ela,

[...] a educação não formal é uma possibilidade de produção de conhecimento que abrange territórios fora das estruturas curriculares da educação formal. Tem como escopo de trabalho a formação do indivíduo para o mundo, abrindo janelas para novos conhecimentos, criando canais de aprendizado que poderão levar os indivíduos a emancipação de formas de pensar e agir social.

Nessa mesma direção, a autora enfatiza também que a educação não formal possibilita uma maior liberdade nos processos de aprendizagens não formais, tendo em vista a força motivadora de suas

práticas contribuindo para incentivar a busca e a produção de saberes “que podem vir a serem ferramentas importantes para os indivíduos aprenderem a fazer leituras próprias do mundo em que vivem e dos fatos sociais que o circundam”. Portanto, o trabalho realizado na Associação de Mulheres e na Fábrica do Grupo 7M corresponde a um espaço propício para proporcionar o diálogo entre o conhecimento científico e o saber popular. Isto posto, pode-se notar, nos diálogos transcritos, uma multiplicidade de conhecimentos relativos aos aspectos das ciências que dialogam com a alfabetização científica, representada nas manifestações e comparações entre os conhecimentos baseados na experimentação e na observação feita pelos sujeitos no desenvolvimento da visita. Dessa forma, corroboramos com Chassot (2011) que compreende a alfabetização científica como uma forma de facilitar que homens e mulheres façam uma leitura do mundo no qual estão inseridos.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A visita realizada à Associação de Mulheres Rurais e à Fábrica do Grupo 7 M das Comunidades de Cachoeirinha e Sabão durante o processo formativo, envolvendo escola e comunidade, possibilitou um rico momento de troca de saberes entre os diferentes sujeitos da pesquisa, dialogando com as memórias, vivências e conhecimentos produzidos pelas mulheres do campo, ligados à prática da agroindústria familiar.

As interações ocorridas com os estudantes e os membros da comunidade possibilitaram reconhecer o diálogo entre os saberes populares e os conhecimentos ligados às ciências, compreendendo, assim, a relação intrínseca desses saberes com os conhecimentos científicos e tendo como foco a relação com a vida do campo. Desse modo, resgata a visão de ciência ampliada, com vistas a um olhar expandido do modelo tradicional do currículo escolar, valorizando os conhecimentos, a cultura local e os saberes desses sujeitos.

Na atividade realizada verificamos a importância do aprendizado coletivo, evidenciado pelos questionamentos sobre o processo produtivo da agroindústria da comunidade visitada. Assim, o trabalho realizado mostrou a importância da inclusão dos espaços não formais no processo formativo

dos sujeitos da educação do campo.

## 7 REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. **Pesquisa participante**: a partilha do saber. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica**: uma possibilidade para a inclusão social. Revista Brasileira de Educação. Cidade, n. 22, p. 89-100, jan/fev/mar/abr. 2003.

CHASSOT, Attico. A pesquisa de saberes primevos catalisando a indisciplinaridade. In: AZEVEDO, José C. R.; REIS, Jonas. T. (Org.). **O ensino médio e os desafios da experiência**: movimentos da prática. São Paulo: Fundação Santillana: Moderna, 2014, p. 115-133.

DIEGUES, Carlos Antonio. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. In: **Institut International des Droits de l'Enfant**. 2005. Disponível em: Acesso em: 16 fev. 2016.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção Questões da nossa época), v. 26.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOLLING, Edgar Jorge et al. **Educação do Campo**: identidade e políticas públicas. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por uma Educação do Campo, n. 4.

MARANDINO, Martha; SILVEIRA, Rodrigo V. M. da; CHELINI, Maria Julia et al. A educação não formal e a divulgação científica: o que pensa quem faz. **Anais**. Bauru, SP: ENPEC/ABRAPEC, 2003.

MARTINS, Barbara Veloso. Gênero, empoderamento e mulheres rurais. In: **V Congresso de Desenvolvimento Social – Estado, Meio Ambiente e Desenvolvimento**, 2016, Minas Gerais, **Anais**. 2016. p. 1-13

OLIVEIRA, Eduardo Augusto Moscon; AMADO, Manuella Villar. GEPAC: Diferentes olhares de pesquisa sobre os Espaços de Educação não formal. In: Manuella Villar Amado; Luciléa Gilles; (Org.). **Espaços Potencialmente Educativos do Espírito Santo**: Guia Prático com sequências didáticas interdisciplinares. Vitória: EDIFES, 2019, v.1, p. 51-68.



SANTOS, Boa Ventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social.** São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território.** GEOgraphia. Ano.1- 1999.